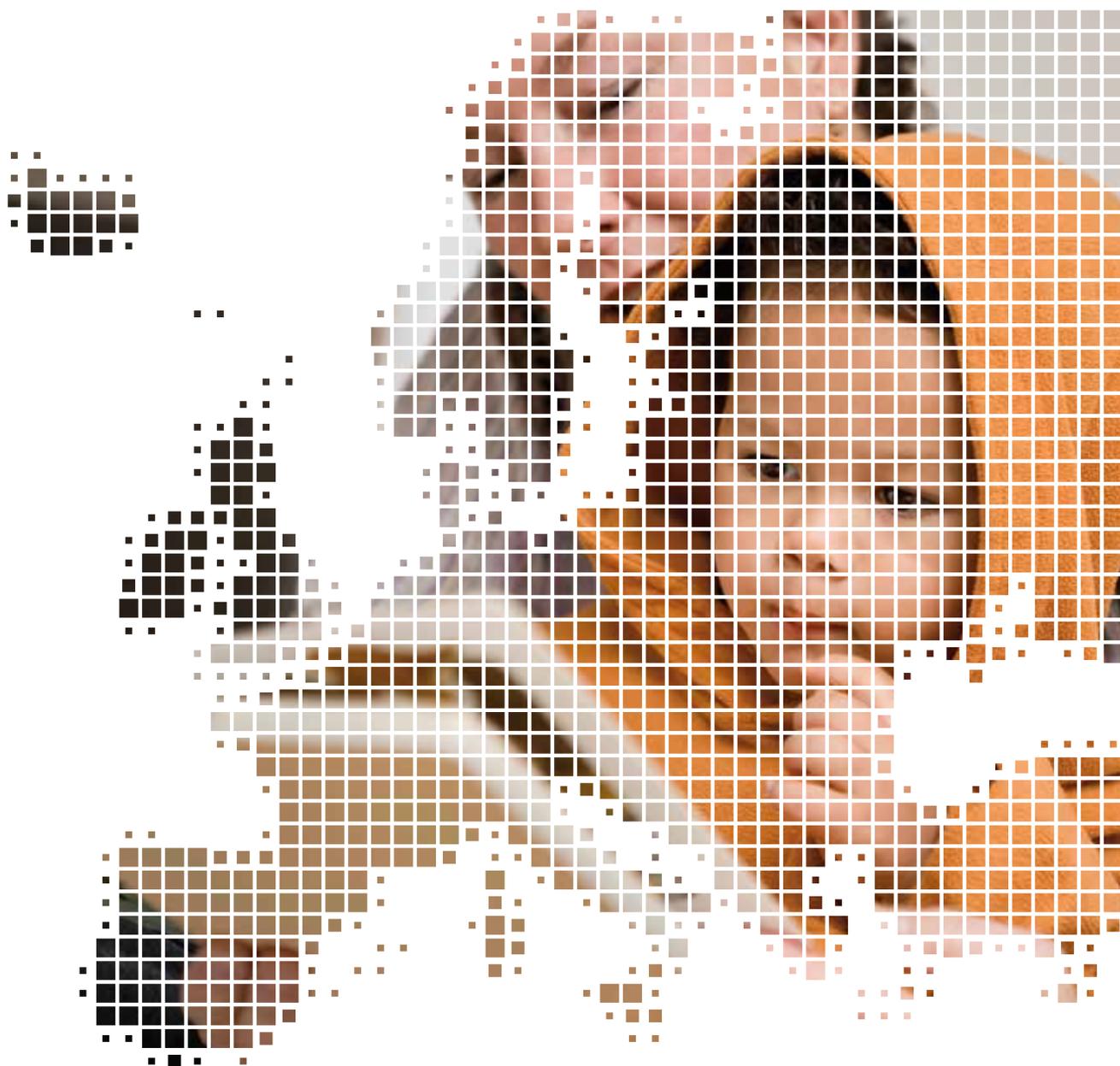


A prestação de cuidados pelos avós na Europa: as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis

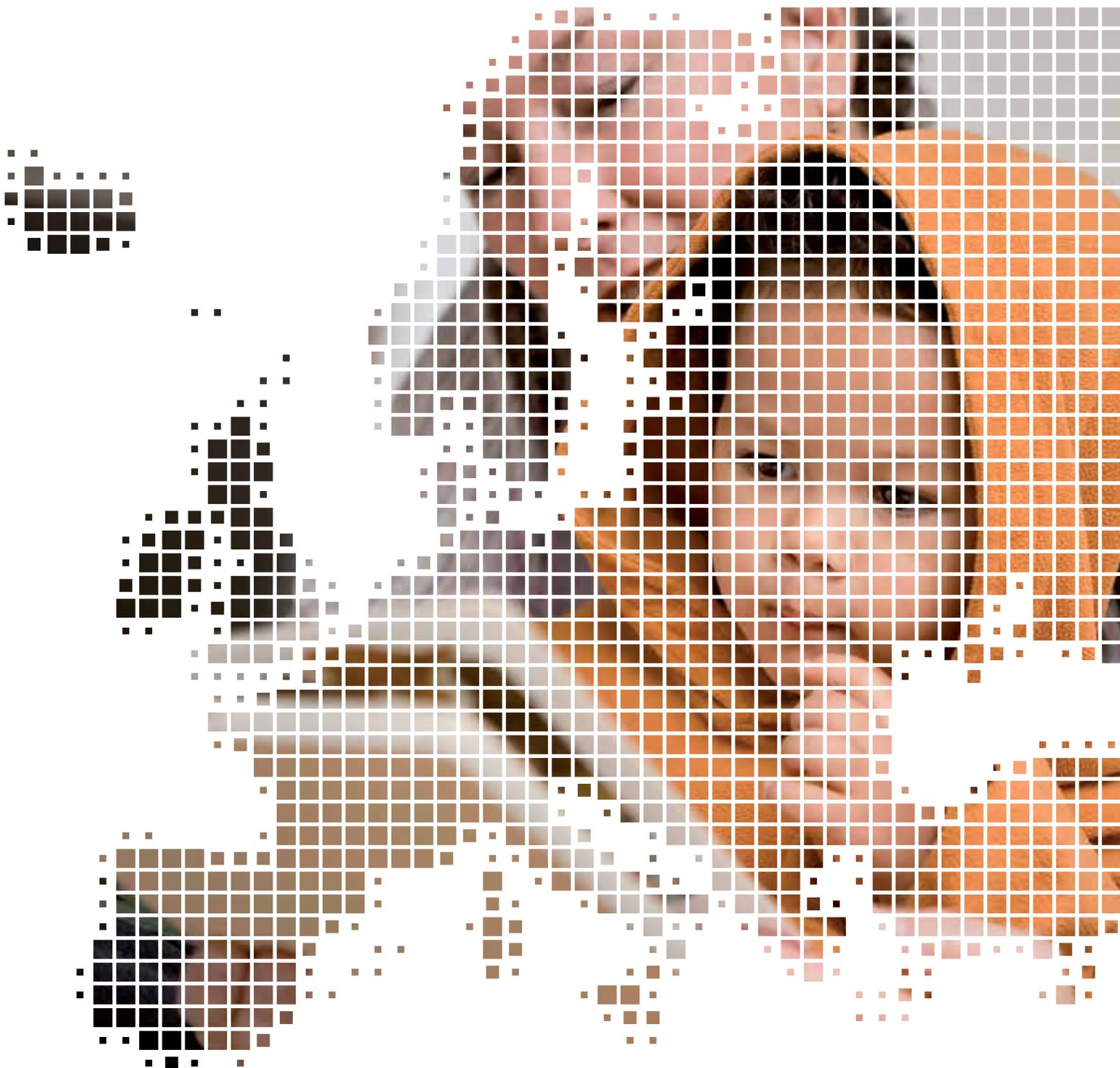


Com o apoio de:



A prestação de cuidados pelos avós na Europa:

as políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis



Descrição geral	1
Principais descobertas	2
Agregados familiares chefiados por avós: agregados familiares de três gerações e agregados familiares sem continuidade geracional	4
Características dos avós em 12 países europeus	5
Cuidados prestados por avós	8
Políticas familiares e padrões da prestação de cuidados pelos avós	10
Descobertas da análise multivariada: características dos avós associadas aos cuidados infantis	12
Conclusões	15
Bibliografia	16

O presente estudo analisa dados internacionais de países europeus relativos à prestação de cuidados pelos avós baseados no SHARE (Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe – inquérito sobre saúde, envelhecimento e reforma na Europa), no ELSA (the English Longitudinal Study of Ageing – inquérito sobre o envelhecimento da população na Inglaterra), em censos e outras fontes de informação. Estes dados são acrescentados a informações mapeadas referentes às políticas para pais e avós em matéria de licenças e trabalho flexível, ao apoio prestado às famílias pelo Estado na forma de acolhimento de crianças e de prestações familiares, às políticas em matéria de reformas e de cuidados prestados a adultos e às culturas e estruturas ao nível do mercado de trabalho, do acolhimento de crianças e familiares para abordar as seguintes questões:

1. Quais as variações nas formas de vida dos avós ao nível de cada país, e entre vários países europeus, e que alterações sofreram ao longo do tempo?
2. De que forma as características dos avós variam em toda a Europa em termos de idade, formas de vida, estatuto socioeconómico, grau de instrução, estado civil, participação a nível de empregos remunerados, estatuto de aposentação e de saúde?
3. Como é que o nível de envolvimento dos avós com os seus netos varia em toda a Europa em termos de contacto, auxílio e prestação de cuidados? Que características dos avós ajudam a explicar a diversidade de contextos?
4. Em que é que as políticas familiares variam e de que forma estas variações nas políticas estão relacionadas com a diversidade observada nos níveis de envolvimento dos avós com os seus netos?

Descrição geral



As avós mais jovens, que se encontram em boa forma física, são saudáveis e têm netos mais novos, são as que apresentam maiores probabilidades de prestar cuidados aos seus netos; contudo, são simultaneamente as mesmas mulheres que os Governos de toda a Europa pretendem incentivar a manter empregos remunerados durante mais tempo, de forma a desenvolver as economias nacionais e fundos de pensões, assistência social e outros serviços de segurança social numa fase posterior da vida. O seu papel vital, mas invisível, na prestação de cuidados infantis, seja de forma intensiva, regular ou ocasional, pode colidir com as suas capacidades de autofinanciamento da sua velhice, sobretudo porque as prestações de viuvez, tanto ao nível dos regimes de pensões estatais como das entidades patronais, estão em declínio. O risco é uma lacuna emergente na prestação de cuidados à medida que as mulheres de mais idade se mantêm profissionais por mais tempo e se tornam menos disponíveis para prestar cuidados infantis, o que afeta adversamente a participação das mães no mercado de trabalho.

Em toda a Europa, o aumento da esperança de vida significa que, atualmente, é bastante comum o crescimento das crianças com os seus avós e mesmo bisavós vivos. Os avós sempre prestaram apoio financeiro, emocional e cuidados práticos aos seus filhos e netos. Ainda assim, este papel tem sido geralmente assumido como garantido pelas famílias e Governos, tendo os avós um reduzido reconhecimento e poucos direitos. No seu conjunto, o envelhecimento da população, o maior número de mães no mercado de trabalho e o aumento dos índices ao nível dos divórcios, e ruturas de relações, indicam a probabilidade dos avós desempenharem um papel cada vez mais significativo na vida familiar. Em muitos países, as medidas de austeridade e os cortes nos serviços públicos conduzirão, provavelmente, a uma expectativa de que os avós intervirão no sentido de preencher as lacunas ao nível dos cuidados prestados a crianças e adultos. No entanto, a nossa compreensão da prestação de cuidados pelos avós e do impacto dos enquadramentos das políticas no papel desempenhado pelos avós é limitado. A presente investigação pretende abordar este défice de conhecimentos e fornecer elementos para um debate sobre as políticas que influenciam o papel dos avós.

A baixa fertilidade e o aumento da esperança de vida significam que, ao longo das próximas duas décadas, entre um quinto e um quarto da população de muitos países europeus terá mais de 65 anos.¹ A melhoria das condições de saúde e bem-estar da população mais idosa aponta para que homens e mulheres tenham uma participação cada vez mais duradoura ao nível dos empregos remunerados. Simultaneamente, crê-se num suposto implícito, que as pessoas de mais idade continuarão a desempenhar um papel vital ao nível dos cuidados prestados no seio das suas famílias. Os avós são importantes prestadores de cuidados infantis, permitindo às mães iniciar ou manter trabalhos remunerados. É possível que seja também necessária uma intervenção dos avós no sentido de assumir o papel da educação dos netos a tempo inteiro, em circunstâncias difíceis e angustiantes, nos casos em que os pais não sejam capazes de o fazer devido, por exemplo, a morte, problemas de saúde física ou mental, alcoolismo e toxicod dependência ou penas de prisão.

Perceber até que ponto se pode combinar a prestação de cuidados informais dos avós com empregos remunerados é muito importante para as políticas públicas, não só relativamente à família e ao mercado de trabalho, como também ao nível das pensões e reformas bem como para a compreensão das desigualdades ao longo da vida. À medida que adquirimos uma melhor compreensão do papel desempenhado pelos avós em toda a Europa, percebemos a importância da implementação de políticas sociais que ajudem a defender estas relações sociais importantes, complexas e potencialmente frágeis.

¹ Comissão das Comunidades Europeias, 2005. Livro Verde – Uma nova solidariedade entre gerações face às mudanças demográficas”. Bruxelas.

Principais descobertas



Entre os países europeus estudados, os avós mais jovens, com níveis de instrução mais elevados, em melhores condições de saúde e cujos netos mais novos têm idades inferiores a seis anos, são os que apresentam maiores probabilidades de prestar cuidados infantis.

Os países com percentagens mais elevadas de mulheres de mais idade que exercem empregos remunerados apresentam uma menor participação das avós na prestação de cuidados infantis intensivos.

O nosso estudo revela que, em toda a Europa, os avós – as avós em particular – estão a desempenhar um papel fundamental na prestação de cuidados intensivos e ocasionais aos seus netos. Segundo o SHARE, mais de 40% dos avós dos 11 países europeus² estudados, prestam cuidados aos netos sem a presença dos pais da criança, enquanto na Grã-Bretanha, a investigação Atitudes Sociais Britânicas (British Social Attitudes – BSA), revelou que 63% dos avós com netos de idade inferior a 16 anos o fazem.³

Avós mais jovens, em boa forma física, saudáveis e com netos mais pequenos – as que apresentam maiores probabilidades de prestar cuidados aos seus netos – são as mesmas mulheres que os Governos de toda a Europa pretendem incentivar a manter empregos remunerados durante mais tempo, de forma a aumentar a produtividade e a financiar as suas respetivas pensões, cuidados de saúde e assistência social numa fase posterior da vida. O seu papel vital, mas invisível, na prestação de cuidados infantis, seja de forma intensiva, regular e/ou ocasional, pode colidir com as suas próprias capacidades de auto-financiamento da sua velhice, sobretudo uma vez que as prestações de viuvez, tanto ao nível dos regimes de pensões estatais como das entidades patronais, estão degradadas.

A Inglaterra e o País de Gales, tal como os E.U.A., têm registado um aumento na prevalência de agregados familiares sem continuidade geracional – famílias constituídas por avós e netos, mas sem os pais. Entre 1981 e 2001, a percentagem de adultos com 35 ou mais anos a viver nesses agregados familiares aumentou dos 0,25% para os 0,42%. Estes agregados familiares são propensos a viver situações de pobreza e desfavorecimento. Nenhum dos restantes países europeus, estudados até ao momento, segue este padrão.

O nosso estudo revela variações consideráveis nas características dos avós em todos os países europeus estudados. Os avós ingleses são relativamente jovens, apresentam maiores probabilidades de exercer empregos remunerados e têm, em média, mais netos do que os avós dos 11 restantes países europeus. Na Inglaterra, um em cada quatro avós (23%) com 50 ou mais anos, exerce um emprego remunerado, comparativamente com uma média de apenas um em cada sete nos 11 restantes países estudados. Somente a Dinamarca e a Suécia apresentam uma percentagem mais elevada de avós com atividades remuneradas.

Embora a globalidade dos avós nos países europeus estudados preste elevados níveis de cuidados infantis, há variações surpreendentes na intensidade e frequência destes cuidados. Na França, Dinamarca, Suécia e Holanda entre 50% e 60% dos avós prestam alguns cuidados infantis, comparativamente com apenas 40% nos países do Sul da Europa. No entanto, os cuidados prestados aos netos de forma regular e intensiva são mais comuns no Sul da Europa, com 20% dos avós italianos a prestar cuidados infantis quase diariamente, comparativamente com apenas 2% de avós na Holanda.

Entre os países europeus estudados, os avós mais jovens, com níveis de instrução mais elevados, em melhores condições de saúde e cujos netos mais novos têm idades inferiores a seis anos, são os que apresentam maiores probabilidades de prestar cuidados infantis.

As diferenças nas características dos avós nos vários países (tais como a idade e o estado civil) explicam algumas das diferenças na prestação de cuidados infantis pelos avós entre os 12 países europeus. Contudo, também existem diferenças significativas entre países. A investigação revela que os diversos contextos de políticas familiares estão associados aos padrões variáveis ao nível da prestação de cuidados a netos.

Em países como a Suécia e a Dinamarca (e, em menor escala, a França) pressupõe-se que os pais tenham atividades profissionais a tempo inteiro, que haja uma ampla oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças e que os subsídios de maternidade e o apoio às mães que ficam em casa sejam generosos. Nestes países, as avós desempenham um papel muito mais limitado na prestação de cuidados infantis intensivos, mas mantêm uma participação significativa na prestação ocasional e menos intensiva de cuidados aos netos.

² Os 11 países estudados pelo SHARE são a Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Itália, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça.

³ Wellard, S. 2011. Doing it all? Grandparents, childcare and employment: An analysis of British Social Attitudes Survey Data from 1998 and 2009. London: Grandparents Plus.

Em Portugal, Espanha, Itália e Roménia, onde as prestações sociais pagas aos pais e às mães que ficam em casa são limitadas e onde há pouca oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças e poucas oportunidades das mães trabalharem a tempo parcial, os avós asseguram uma grande parte dos cuidados intensivos prestados aos seus netos. Entre os 11 países estudados, Portugal, em particular, apresenta a mais elevada percentagem de mães com filhos com idades inferiores aos seis anos que trabalham a tempo inteiro. Adicionalmente, nestes países as mães que trabalham fazem-no frequentemente durante mais de 40 horas por semana; uma vez que há pouca oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças a preços acessíveis, existe uma maior dependência dos cuidados intensivos prestados pelas avós. Com exceção da Roménia, nestes países há menos avós a prestar cuidados ocasionais ou menos intensivos sem a presença dos pais.

No Reino Unido, Alemanha e Holanda o apoio público prestado às famílias é variado, mas menos universal, sendo a cobertura das estruturas de acolhimento de crianças irregular e, frequentemente, assegurada pelo mercado, em vez do Estado, e a norma é as mulheres trabalharem a tempo parcial. Nestes países, os avós desempenham geralmente um papel mediano tanto ao nível dos cuidados infantis intensivos como dos cuidados infantis ocasionais/menos intensivos. Nestes países existe uma menor percentagem de mães, com atividades profissionais a tempo inteiro, a trabalharem muitas horas, o que resulta numa menor dependência dos cuidados infantis intensivos prestados pelas avós. Na Holanda, – país que tem, de longe, a maior percentagem de mães a trabalhar a tempo parcial, e muito poucas mães a trabalhar a tempo inteiro e onde a oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças é generalizada – há muito poucos avós a prestar cuidados infantis intensivos.

Em geral, os países com menor recurso às estruturas formais de acolhimento de crianças (Hungria, Portugal e Roménia) apresentam as percentagens por seu lado, mais elevadas em termos de prestação de cuidados intensivos pelas avós aos seus netos. Os países com maior recurso a estas estruturas formais de acolhimento de crianças (Suécia e Dinamarca) apresentam as percentagens mais reduzidas no que se refere à prestação de cuidados infantis intensivos pelas avós.

Os países com percentagens mais elevadas de mulheres de mais idade que exercem empregos remunerados apresentam uma menor participação das avós na prestação de cuidados infantis intensivos.

Tendo em conta que as avós com idades entre os 50 e os 69 anos que não exercem empregos remunerados são as que apresentam maiores probabilidades de prestar cuidados infantis, os planos dos governos europeus para o aumento das idades de reforma e da participação feminina na vida profissional em idades mais avançadas são suscetíveis de entrar em conflito com o papel dos avós no que se refere à prestação de cuidados infantis. Isto terá implicações significativas ao nível da participação das mães mais jovens no mercado de trabalho e na obtenção de pensões e de segurança financeira por parte das mulheres de meia-idade.

Agregados familiares chefiados por avós: agregados familiares de três gerações e agregados familiares sem continuidade geracional



Portugal tem assistido a um aumento dos agregados familiares de avós com três gerações.⁴

A Inglaterra e o País de Gales, França e Alemanha Ocidental têm assistido a uma diminuição da percentagem de adultos com 35 ou mais anos a viver em agregados familiares de três gerações.

A Inglaterra e o País de Gales, tal como os E.U.A., assistiram a um aumento do número de agregados familiares sem continuidade geracional, com 0,25% de adultos com mais de 35 anos a integrar este perfil, em 1981, e 0,42%, em 2001.

O estudo analisa as tendências ao longo do tempo na prevalência de adultos que vivem em agregados familiares de avós (tanto em agregados familiares de três gerações como em agregados familiares que não contam com a presença da geração dos pais) em Inglaterra e País de Gales, França, Alemanha Ocidental, Roménia e Portugal. Portugal tem assistido a um aumento dos agregados familiares de avós com três gerações.⁴

A Inglaterra e o País de Gales, França e Alemanha Ocidental têm assistido a uma diminuição da percentagem de adultos com 35 ou mais anos a viver em agregados familiares de três gerações. Em Inglaterra este valor desceu dos 3,3%, em 1981, para os 1,5%, em 2001, o último período para o qual há dados disponíveis. Na Roménia, e também nos E.U.A., tem havido um aumento em relação ao mesmo período de tempo.

A Inglaterra e o País de Gales, tal como os E.U.A., assistiram a um aumento do número de agregados familiares sem continuidade geracional, com 0,25% de adultos com mais de 35 anos a integrar este perfil, em 1981, e 0,42%, em 2001. Estes números refletem, muito provavelmente, o aumento nos cuidados prestados por parentes, outros familiares identificado pela análise dos microdados de Censos levada a cabo por Nandy e Selwyn.⁵

Tanto os agregados familiares de avós com três gerações como os sem continuidade geracional estão associados à pobreza e falta de recursos sócio-económicos em todos os países estudados.

Os adultos que vivem em agregados familiares com avós apresentam maiores probabilidades de serem mulheres, divorciadas, viúvas ou separadas, com níveis de instrução mais baixos e economicamente inativas, o que é particularmente notório nos que vivem em agregados familiares de avós sem continuidade geracional.

⁴ Albuquerque, PC 2011, 'Grandparents in multigenerational households: The case of Portugal', *European Journal of Ageing*, vol. 8, págs. 189 a 198.

⁵ Nandy, S., Selwyn, J., Farmer, E. and Vaisey, P. (2011) Spotlight on kinship care: *Using Census microdata to examine the extent and nature of kinship care in the U.K.*, London: University of Bristol.

Características dos avós em 12 países europeus



Globalmente, a maior percentagem de adultos de mais idade que são avós encontra-se na Escandinávia e na Bélgica, seguidas pela Inglaterra e pela França. A menor percentagem está no Sul da Europa.

Em todos os países, a maioria dos avós são mulheres.

O estudo analisa as características dos avós com 50 ou mais anos dos seguintes países:

- Inglaterra e França
- Dinamarca e Suécia (Escandinávia)
- Alemanha, Holanda, Bélgica, Áustria e Suíça (Europa Ocidental)
- Espanha, Itália e Grécia (Sul da Europa)

Percentagem de adultos de mais idade que são avós

Em todos os 12⁶ países europeus estudados, a maioria das mulheres com mais de 50 anos são avós, variando entre os 72%, na Dinamarca, e os 53%, na Suíça. Na maior parte dos países, a maioria dos homens com mais de 50 anos são avós, variando entre os 62%, na Bélgica, e os 42%, na Grécia. Em Inglaterra, 67% das mulheres acima dos 50 anos são avós e 58% dos homens acima dos 50 anos são avós.

Globalmente, a maior percentagem de adultos de mais idade que são avós encontra-se na Escandinávia e na Bélgica, seguidas pela Inglaterra e pela França. A menor percentagem está no Sul da Europa. Os índices mais elevados de avós na Escandinávia e na Bélgica refletem, provavelmente, uma maior fertilidade entre os filhos adultos e a conceção de filhos em idades mais jovens.

Idade, sexo e estado civil dos avós

A Dinamarca é o país com avós mais jovens (67 anos de idade média) e a Grécia é o país com avós mais velhos (70 anos de idade média). A percentagem mais elevada de avós em idade ativa (entre os 50 e os 64 anos) encontra-se na Escandinávia, com a Dinamarca a contabilizar 50%. As percentagens mais baixas são as do Sul da Europa, com cerca de um terço com idades entre os 50 e os 64 anos em Espanha e Itália. A percentagem de avós em idade ativa é relativamente elevada na Inglaterra (41%).

Tabela 1 Idade média das avós e avôs por país

	ING	FRA	DIN	SUE	ALE	HOL	BEL	AUS	SUI	ESP	ITA	GRE
Avós	67.5	67	66.1	67.4	67.7	67.2	67.5	66	68.7	69.5	69.3	71.1
Avôs	68.3	68.2	66.8	68.4	68.2	67.9	68.8	67.8	69.8	69.6	69.4	69.6
Avós + Avôs	67.9	67.8	66.5	68	68.3	67.6	68.3	67.1	69.4	69.5	69.3	70.2

Fonte: SHARE, 2004/05; ELSA, 2002/03; próprios cálculos. Dados ponderados para valores médios.

Em todos os países, a maioria dos avós são mulheres, variando entre os 56% na Suécia, os 57% na Inglaterra e os 61% na Grécia.

É provável que o estado civil, bem como a idade e o sexo, sejam fatores que influenciem a prestação de cuidados infantis por parte dos avós. A maior percentagem de avós que permanecem casados encontra-se na Holanda, com 70%, tendo a Inglaterra 69%. Em todos os países, há muito mais probabilidades de as avós serem viúvas do que os avôs serem viúvos.

⁶ Os 11 países do SHARE mais a Inglaterra

Os avós ingleses têm o maior número de netos – uma média de 4,9 em comparação com 4,2 em todos os restantes países estudados.

A Suécia é o único país onde as avós afirmam ter níveis de escolaridade mais elevados do que os avôs.

Praticamente um em cada quatro (23%) avós ingleses exercem empregos remunerados, comparativamente com a média entre os 11 países do SHARE de um em cada sete.

Filhos e netos

Apesar de na Holanda e em Espanha os avós terem mais filhos (uma média de quase 3,0) comparativamente com a Inglaterra (2,7), os avós ingleses têm o maior número de netos – uma média de 4,9 em comparação com 4,2 em todos os restantes países estudados. A Alemanha e a Áustria apresentam o menor número de netos (3,7), juntamente com a Grécia (3,8). As avós inglesas têm, em média, 5,2 netos e os avôs ingleses têm 4,6 netos, mais do que em qualquer outro país.

É provável que a participação dos avós nas vidas dos netos dependa do número de netos, bem como da sua idade. Entre os países europeus estudados, mais de metade dos avós têm pelo menos um neto com idade inferior a seis anos. Na Holanda, 40% dos avós têm um neto com idade inferior a três anos, comparativamente com apenas 18% na Áustria.

Avós na geração “sanduíche” (pessoas que cuidam em simultâneo dos seus pais e filhos/netos)

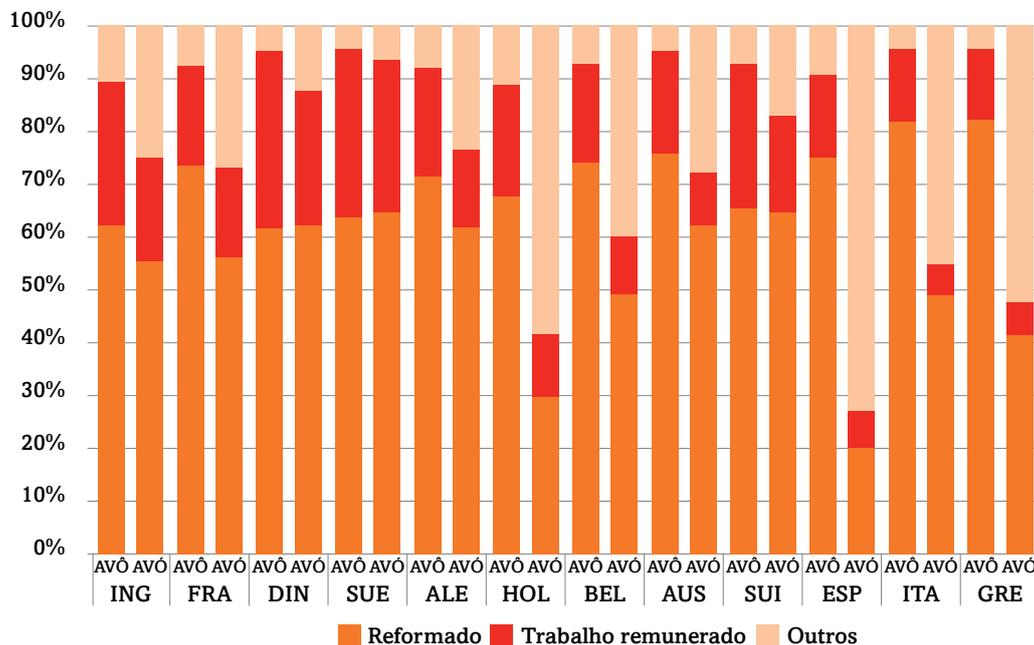
Os países escandinavos e a França são os que apresentam as percentagens mais elevadas de avós na geração “sanduíche” com, pelo menos, um dos seus próprios pais ainda vivos, perfazendo cerca de 22%. O país com a percentagem mais baixa é a Itália (12%). A Inglaterra conta com um número relativamente mais baixo de avós na geração “sanduíche” (15%). A nossa análise inclui todos os avós, não apenas aqueles com netos com idade inferior a 16 anos. Entre estes avós, tal como a análise do relatório BSA indica, a percentagem de avós com os seus próprios pais é muito superior, sendo de 28%.³

Grau de instrução, atividade económica e saúde

Existe um vasto leque de níveis de instrução em toda a Europa, sendo que mais de 80% dos avós afirmam ter um nível de instrução baixo nos países do Sul da Europa, comparativamente com apenas 25% na Alemanha. Em média, entre os 11 países do SHARE, 59% afirmam ter um nível de instrução baixo (56% na Inglaterra), 28% um nível médio (28% na Inglaterra) e 13% um nível de instrução elevado (16% na Inglaterra).

A Suécia é o único país onde as avós afirmam ter níveis de escolaridade mais elevados do que os avôs. Há também uma grande variação na percentagem de avós com empregos remunerados, entre os 29% nos países escandinavos e os 9% na Itália. Praticamente um em cada quatro avós ingleses (23%) exercem empregos remunerados, comparativamente com a média entre os 11 países do SHARE que é de um em cada sete.

Figura 1 Estatuto económico dos avós, por sexo e país



Fonte: SHARE, 2004/05; ELSA, 2002/03; próprios cálculos. Dados ponderados

Em toda a Europa as avós são mais pobres do que os avôs.

Os avós ingleses, juntamente com os dinamarqueses, são menos propensos a afirmar terem quatro ou mais sintomas depressivos.

Em todo o estudo, os avós ingleses apresentam os níveis mais elevados de limitações relacionadas com a saúde ou com invalidez nas atividades da vida quotidiana.

Em toda a Europa as avós são mais pobres do que os avôs o que reflete, em parte, o facto de as avós terem tendencialmente mais idade e de apresentarem maiores probabilidades de serem viúvas do que os avôs de serem viúvos. A percentagem das avós que se encontram entre os 20% mais pobres, ao nível da distribuição de riqueza pelas pessoas com mais de 50 anos, varia entre os 23% na Dinamarca e os 32% na Alemanha. No que se refere aos avôs, os que se encontram nos 20% mais pobres estão entre os 16% em França e os 24% em Itália.

Saúde e bem-estar

Este estudo revela grandes diferenças na forma como os avós destes países encaram o seu estado de saúde. Isto porque, 12% dos avôs e 16% das avós suecos(as) afirmam ter uma saúde razoável ou débil, enquanto, por exemplo, na Alemanha, esta percentagem aumenta para 45% e 48%, respectivamente. Os avós ingleses classificam a sua saúde melhor, comparativamente à média dos 11 países do SHARE, com 31% dos avôs a classificarem a sua saúde como razoável ou débil sendo a média de 38%. No caso das avós inglesas, a percentagem desce para os 30%, quando a média das nações em referência é de 44 pontos percentuais.

Os avós ingleses, juntamente com os dinamarqueses, são menos propensos a afirmar terem quatro ou mais sintomas depressivos (18%), enquanto as avós espanholas, francesas e italianas afirmam ter níveis desses sintomas particularmente elevados (mais de 40%).

No entanto, em todo o estudo, os avós ingleses apresentam os níveis mais elevados de limitações relacionadas com a saúde ou com invalidez nas atividades da vida quotidiana. Praticamente um em cada quatro afirma ter uma ou mais limitações, comparativamente com 12% das avós e 14% dos avôs de outros países.

Em toda a Europa, os avós tendem a apresentar índices mais fracos ao nível das funções cognitivas do que as pessoas com mais de 50 anos que não são avôs, refletindo o facto de os primeiros serem tendencialmente de mais idade. Depois de considerada a idade, as diferenças entre países ao nível das funções cognitivas dos avôs são pequenas.

Cuidados prestados por avós

As investigações revelam um elevado nível de participação dos avós na prestação de cuidados infantis em toda a Europa. 44% dos avós dos países do SHARE já tomaram conta de netos sem a presença dos pais nos últimos 12 meses.

A investigação Atitudes Sociais Britânicas (British Social Attitudes – BSA) mostra que 63% dos avós com netos de idade inferior a 16 anos afirmam que nunca tomaram conta de um neto nos últimos 12 meses.

11% dos avós entre os 11 países do SHARE prestavam cuidados diariamente, ou quase diariamente.

As investigações revelam um elevado nível de participação dos avós na prestação de cuidados infantis em toda a Europa. 44% dos avós dos países do SHARE já tomaram conta de netos sem a presença dos pais nos últimos 12 meses. Os países que registam maior incidência de avós que prestam cuidados infantis são a Holanda e a Dinamarca, com cerca de 57% dos avós a tomarem conta de netos nos últimos 12 meses; os índices mais baixos encontram-se na Alemanha, Áustria, Suíça e países do Sul da Europa, com cerca de 40%.

Na Grã-Bretanha, a investigação Atitudes Sociais Britânicas (British Social Attitudes – BSA) mostra que 63% dos avós com netos de idade inferior a 16 anos afirmam que nunca tomaram conta de um neto nos últimos 12 meses, comparativamente com os 50% de outros países da Europa, que tinham prestado algum tipo de cuidados a netos com idade inferior a 16 anos sem os pais presentes.⁷

11% dos avós entre os 11 países do SHARE prestavam cuidados diariamente, ou quase diariamente, variando entre os 20% na Itália e Grécia, os 14% em Portugal e os 2%, ou menos, nos países escandinavos e Holanda.

A investigação BSA mostra que 19% das avós e 14% dos avós na Grã-Bretanha, com netos de idades inferiores a 16 anos, afirmaram prestar cuidados infantis a um ou mais dos seus netos durante 10 ou mais horas por semana. 6% do total de avós da Grã-Bretanha, com netos de qualquer idade, tomaram conta de netos na última semana, com uma média de 30 horas por semana.

Tabela 2 Percentagens das avós que prestam cuidados aos netos

	Percentagem das avós que prestam algum tipo de cuidados aos netos	Percentagem das avós que prestam cuidados diários aos netos
Suécia	51	2
Holanda	57	2
Dinamarca	59	2
França	51	7
Alemanha	40	8
Reino Unido	63 ^a	8 ^b
Hungria	56 ^c	13 ^c
Portugal	-	14 ^d
Espanha	42	17
Itália	42	22
Roménia	93 ^c	30 ^c

Fonte: Dados do SHARE, BSA[a], ELSA [b](Inglaterra), GGS [c] (Roménia e Hungria), ESS [d] (Portugal) Números do BSA referentes a avós com netos de idades inferiores a 16 anos.

⁷ Hank, K. & Buber, I. 2009. Grandparents caring for their grandchildren findings from the 2004 Survey of Health, Ageing, and Retirement in Europe. *Journal of Family Issues*, 30, 53-73.

A análise concluiu que há mais probabilidade de os avós que prestam cuidados infantis serem mulheres, mais jovens, com parceiro, com níveis de instrução e de riqueza mais elevados, com uma saúde melhor e netos mais pequenos.

As mães, sobretudo as que nunca foram casadas, têm maiores probabilidades dos avós tomarem conta dos seus filhos.

Quem são os avós que prestam cuidados infantis?

A análise concluiu que há mais probabilidade de os avós que prestam cuidados infantis serem mulheres, mais jovens, com parceiro, com níveis de instrução e de riqueza mais elevados, com uma saúde melhor e netos mais pequenos. Em geral, os cuidados prestados aos netos estão associados às vantagens sócio-económicas e ao facto de se ser mais jovem.

Quem são os pais com maiores probabilidades de usufruírem de cuidados infantis prestados pelos avós?

Os pais⁸ dos países do norte da Europa têm maiores probabilidades de usufruir de cuidados prestados pelos avós aos seus filhos do que os pais da Áustria, Suíça e países do Sul da Europa.

No entanto, no que se refere aos cuidados infantis regulares, a situação é o inverso: os pais dos países escandinavos têm menores probabilidades de os avós tomarem conta dos seus filhos regularmente, enquanto os pais da Itália, Grécia e Bélgica têm maiores probabilidades de os avós tomarem conta dos seus filhos regularmente.

As mães, sobretudo as que nunca foram casadas, têm maiores probabilidades dos avós tomarem conta dos seus filhos. Quanto mais jovens forem os pais, maior é a probabilidade de os avós tomarem conta dos seus filhos regularmente.

Os pais cujo filho mais novo tenha uma idade inferior a 6 anos têm maiores probabilidades de os avós tomarem conta dos seus filhos. Em termos globais, 55% dos netos com idade entre os zero e os dois anos recebem cuidados prestados pelos avós; quando a sua idade se situa entre os três e os cinco anos, 59% dos netos recebem esse tipo de cuidados por parte dos seus avós; essa percentagem varia para 48% quando os netos têm entre os seis e os onze anos. Apenas 11% dos netos com idades superiores a doze anos recebem esses mesmos cuidados por parte dos seus avós. Os avós que moram mais perto dos seus netos têm maiores probabilidades de assumir os seus cuidados. Tal acontece com 38% dos avós que vivem num raio de cinco quilómetros da casa dos seus filhos; percentagem que varia para os 20% quando essa distância é superior a cem quilómetros.

Globalmente, a percentagem de mães que trabalham a tempo parcial que usufruem de cuidados prestados pelos avós aos seus filhos é superior à das mães que trabalham a tempo inteiro. Contudo, o padrão varia de país para país.

Quanto às mães, globalmente, uma percentagem mais elevada das que exercem empregos remunerados usufruem de cuidados infantis prestados pelos avós, em comparação com as mães que não exercem empregos remunerados; no entanto, o inverso é aplicável às mães da Escandinávia, onde as que não exercem empregos remunerados recebem mais ajuda dos avós do que as que exercem.

⁸ Deve ter-se em atenção que não dispomos de uma amostra representativa dos pais do SHARE mas sim das características selecionadas, de “até 4 filhos adultos”, que nos foram fornecidas pela pessoa de mais idade. Sabemos quais dos “até 4 filhos adultos” a pessoa de mais idade identifica como sendo pais e sabemos também se estes pais foram identificados (ou seja, pela respetiva mãe ou pai de mais idade) como pais que usufruem de cuidados prestados pelos avós aos netos.

Políticas familiares e padrões da prestação de cuidados pelos avós



Com o relatório pretende-se perceber até que ponto as diferenças na forma como os avós prestam cuidados aos netos (em toda a Europa) podem ser responsáveis pelas diferenças nas políticas familiares e de cuidados infantis, no trabalho e centros de cuidados infantis relacionados e nas atitudes culturais. Os países diferem acentuadamente de acordo com a percentagem de mulheres e mães que exercem empregos remunerados e com a percentagem de pessoas que têm acesso, e que recorrem, às estruturas formais de acolhimento de crianças. As diferenças ao nível das preferências e das normas dos cuidados infantis são igualmente moldadas por fatores culturais, havendo em toda a Europa variações em relação ao que se acredita ser o melhor para as famílias e crianças.

Este elemento da investigação concentra-se nos cuidados prestados pelas avós, uma vez que os avós raramente prestam cuidados infantis na ausência dos pais, sem as avós presentes. Os resultados são avaliados em relação aos 11 países selecionados para a presente análise. Pretende-se ter exemplos claros de nações que têm enquadramentos de políticas, mercados de trabalho e estruturas de acolhimento de crianças distintos e culturas familiares, de prestação de cuidados e de trabalho diversas: Dinamarca, França, Alemanha, Hungria, Itália, Holanda, Portugal, Roménia, Espanha, Suécia e Reino Unido.



Verifica-se, em toda a Europa, um aumento da participação de mulheres e de mães no mercado de trabalho, com todos os países a assegurar algum tipo de apoio para as licenças de profissões remuneradas e prestação de cuidados infantis. No entanto, mantêm-se diferenças significativas entre os sexos. Os mercados de trabalho, instáveis e inflexíveis, e o apoio social às crianças, subfinanciado ou fragmentado, levam as mães a procurar formas alternativas de cuidados, a abandonar os empregos remunerados ou a trabalhar menos horas para cuidarem dos seus filhos.

Para analisar os contextos das políticas culturais e laborais em diferentes países - que ajudam a explicar o nível e intensidade da prestação de cuidados infantis por parte dos avós - elaborámos um quadro onde são consideradas as relações entre as famílias, as políticas de cuidados e as remunerações, a participação (sobretudo das mães) no mercado de trabalho e as respetivas estruturas, as culturas familiares e sexos. Nas três esferas - 'políticas', 'mercado de trabalho' e 'culturas familiares e sexos' - explorámos um conjunto de cerca de 250 indicadores para cada um dos onze países relativamente a todos os tipos de licenças parentais e não parentais, prestações pecuniárias, políticas referentes aos cuidados infantis e assistência a idosos e às reformas. Considerámos ainda informações sobre a participação feminina no mercado de trabalho e dados comportamentais. Classificámos as políticas de acordo com a proporção em que o Estado incentiva ou conta com um papel desempenhado pelos avós. Utilizámos um método comparativo constante qualitativo, sugerido pela compreensão teórica existente das políticas familiares e dos mercados de trabalho, para examinar as variáveis (indicadores) que estão associadas umas às outras, e perceber como, e de que forma, estas associações e interações variam entre os países. Em seguida, recorreremos a esta análise para agrupar os países de acordo com as semelhanças e diferenças entre si e a forma como estes indicadores estão associados uns aos outros. Seguidamente, analisámos estes grupos em detalhe, limitando as nossas variáveis às que pareciam mais importantes para explicar de que forma, e por que motivos, os cuidados prestados pelos avós diferem de país para país.

Descobertas da análise das políticas

A nossa análise indica que há uma estreita relação entre o contexto das políticas familiares e de cuidados e a probabilidade das avós prestarem cuidados infantis intensivos. No campo das políticas, concluímos que os nossos países se dividem em três grupos. No primeiro grupo, exemplificado pela Suécia e Dinamarca, países escandinavos, e, em menor medida, pela França, o Estado organiza e assegura os cuidados infantis, não pressupondo a prestação de cuidados por parte dos avós. Todas as transferências e prestações sociais são disponibilizadas apenas aos pais. Nestes países, onde se prevê que ambos os pais trabalhem a tempo inteiro, há uma boa oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças, existindo igualmente boas prestações por maternidade, e menos avós a prestar cuidados infantis intensivos.

No segundo grupo, pressupõe-se que os avós prestarão cuidados – os países da Europa do Sul e do Leste estudados, pertencem a este grupo. Na Hungria, Portugal e Espanha, este princípio é explícito. A Itália e a Roménia também são considerados parte deste grupo, uma vez que as falhas ao nível das políticas abrem uma lacuna na prestação de cuidados infantis que, na prática, só pode ser preenchida pelos avós – o pressuposto de que prestarão cuidados está implícito. Nestes países, existem poucos empregos a tempo parcial e as estruturas formais de acolhimento de crianças são limitadas, bem como os benefícios familiares em espécie, havendo uma maior prestação de cuidados infantis por parte das avós.

Num terceiro grupo de países, os apoios públicos são variados, mas menos universais. A cobertura ao nível dos cuidados infantis é desigual e mais assegurada pelo mercado do que pelo Estado, havendo mais probabilidades de as mulheres trabalharem a tempo parcial. Aqui, os avós desempenham um papel mediano tanto ao nível dos cuidados infantis intensivos como dos cuidados infantis ocasionais/menos intensivos. O Reino Unido, Alemanha e Holanda são exemplos destes países, embora a Holanda, pelas razões a seguir indicadas, apresente percentagens muito reduzidas de cuidados infantis intensivos prestados pelas avós.

Os enquadramentos ao nível das políticas familiares e de cuidados são, contudo, apenas uma parte do cenário. O padrão da participação feminina na vida profissional dos países está associado aos cuidados infantis prestados pelas avós, independentemente do contexto das políticas. Mães com períodos de trabalho muito longos e poucas estruturas formais de acolhimento de crianças requerem uma maior prestação de cuidados infantis intensivos por parte das avós. Nos países onde há elevadas percentagens de mães com filhos pequenos, que não trabalham, as mães que trabalham são particularmente dependentes de cuidados intensivos prestados pelas avós. Além disso, uma menor participação na vida profissional por parte das mulheres com idades entre os 50 e os 64 anos está associada a uma maior prestação de cuidados infantis intensivos pelas avós.

O recurso a estruturas formais de acolhimento de crianças (para crianças pequenas) é inversamente proporcional à prestação de cuidados infantis intensivos pelas avós. Adicionalmente, nos países onde a assistência materna às crianças em idade pré-escolar é a norma preferida, os padrões dos cuidados infantis sugerem que as avós são consideradas como o melhor substituto, na prestação de cuidados, das mães que trabalham no mercado de trabalho remunerado.

Descobertas da análise multivariada: características dos avós associadas aos cuidados infantis



Recorremos a uma grande variedade de técnicas adequadas à investigação sobre as características a nível individual e nacional relacionadas com a prestação de cuidados aos netos. Estas análises apresentam diversas vantagens. Permitem-nos explorar a relação de cada característica quanto aos cuidados prestados aos netos, tendo em consideração a influência possível de gerar confusões das restantes características. Por exemplo, nas nossas análises descritivas encontramos diferenças significativas na percentagem de avós a exercer profissões remuneradas em todos os países. Essas diferenças podem ajudar a explicar as variações nos cuidados prestados aos netos. No entanto, sabemos também que isto pode ser confundido com a idade, ou seja, que um avô ou avó de mais idade apresenta menores probabilidades de exercer uma profissão remunerada. Desta forma, temos de saber se é o facto de exercerem, ou não, uma profissão remunerada ou se é a idade (ou ambos) que está a conduzir a relação com os cuidados prestados aos netos. A nossa apresentação das análises, nas secções que se seguem, tem estas questões em consideração no que diz respeito a todas as características discutidas até ao momento.

Prestação de cuidados infantis intensiva, não-intensiva e inexistente

Inicialmente, apresentamos em simultâneo as nossas descobertas referentes aos três tipos de cuidados infantis prestados aos netos, ou seja, prestação de cuidados infantis intensiva, não-intensiva e inexistente⁹. Fazêmo-lo porque queremos compreender a importância relativa das características dos avós para cada nível de cuidados prestados e a forma como se inter-relacionam. Recorremos a um modelo ordered logit generalizado (no nosso caso com probabilidades proporcionais parciais).

A análise multivariada mostra que os avós que apresentam maiores probabilidades de prestar algum tipo (intensivo e não intensivo) de cuidados aos netos são mulheres, jovens, casadas, reformadas e nos níveis de riqueza mais elevados. A probabilidade dos avós casados prestarem algum tipo de cuidados aos netos é superior a uma vez e meia à probabilidade dos avós não casados (ou seja, nunca casaram, viúvos ou divorciados) o fazerem. Os avós com níveis de escolaridade mais baixos apresentam significativamente menores probabilidades de prestar algum tipo de cuidados infantis; no entanto, apresentam maiores probabilidades de fazê-lo de forma intensiva do que os avós com níveis de instrução mais elevados.

Os avós com vários netos apresentam significativamente maiores probabilidades de prestar algum tipo de cuidados infantis do que os avós com apenas um neto; mas, ter mais do que um neto não está significativamente associado à prestação de cuidados infantis intensivos. Os avós cujo neto mais novo tenha uma idade entre os três e os cinco anos (em comparação com idades entre um e dois anos) são os que apresentam maiores probabilidades de prestar algum tipo de cuidados infantis. Os avós cujo neto mais novo tenha uma idade acima dos seis anos apresentam significativamente menores probabilidades de prestar cuidados comparativamente com os avós cujo neto mais novo tenha uma idade entre um e dois anos.

Os avós com melhores funções cognitivas são mais propensos a prestar algum tipo de cuidados infantis, mas o efeito é superior relativamente aos cuidados mais intensivos. Deteta-se um padrão semelhante quando são consideradas limitações funcionais, relacionadas com a gravidade do estado de saúde ou com invalidez.

⁹ A Inglaterra/Grã-Bretanha foi excluída da presente análise devido à falta de dados comparáveis.

Contextos das políticas

Usamos o nosso modelo para perceber se os enquadramentos de políticas mantêm algum poder explicativo mesmo considerando que as características dos avós diferem entre países. A análise multivariada mostra que, mesmo quando consideramos a variedade de características dos avós em toda a Europa, se mantém a associação de contextos de políticas nacionais distintos a diferentes níveis de cuidados infantis prestados pelos avós. Por exemplo, os avós dinamarqueses e suecos (que pertencem à nossa categoria de países onde não se pressupõe a prestação de quaisquer cuidados pelos avós, de acordo com o contexto das políticas) apresentam significativamente maiores probabilidades de prestar alguns cuidados infantis, mas menores probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos, do que nos países com políticas mais neutras, face aos cuidados prestados pelos avós, como é o caso da Alemanha.

Os avós que pertencem à nossa categoria de países que têm políticas que pressupõem a prestação de cuidados pelos avós, (por exemplo, Espanha, Itália e Grécia) apresentam menores probabilidades de prestar alguns cuidados infantis mas maiores probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos do que nos países com políticas mais neutras, como a Alemanha.

Os avós dos países onde o contexto destas políticas é relativamente neutro (ou seja, Alemanha, Holanda, Áustria e Bélgica) pertencem a um grupo médio, quando se tem em consideração a prestação de cuidados infantis intensivos prestando mais cuidados do que nos países escandinavos, mas com menores probabilidades de prestar cuidados intensivos do que os avós dos países onde as políticas pressupõem a existência de um papel por parte dos avós. Na prestação de algum tipo de cuidados, existe um cenário muito mais uniforme em todos os países estudados, sendo os avós bastante semelhantes em todos os países do SHARE no que se refere à prestação de, pelo menos, alguns cuidados aos seus netos. Contudo, a presente análise mostra que a Alemanha e a Áustria são semelhantes à Itália e Espanha, com uma menor probabilidade dos avós prestarem alguns cuidados, enquanto os avós da Holanda e Bélgica apresentam a maior probabilidade de ajudar nos cuidados aos netos, pelo menos, de vez em quando.

Prestação de cuidados infantis intensivos

Realizou-se uma análise de regressão logística multivariada para explorar quais as características dos avós associadas à prestação de cuidados intensivos, ou seja, cuidados prestados diariamente, ou pelo menos 15 horas por semana. As características consideradas foram: sexo, idade, estado civil e de saúde, estatuto profissional e número de netos.

Os avós apresentam uma vez e meia mais probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos do que os avós. Os avós mais jovens e os casados, ou em coabitação, são também mais propensos a prestar cuidados infantis intensivos.

Os avós com menores níveis de instrução e os avós reformados apresentam maiores probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos. Os avós reformados apresentam uma vez e meia mais probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos do que os avós que exercem profissões remuneradas (mesmo quando considerada a idade). A riqueza dos avós e número de netos não estão significativamente associados à prestação de cuidados infantis intensivos.

Entre os vários indicadores de saúde considerados, as limitações funcionais e as funções cognitivas estão significativamente (e negativamente) associadas à prestação de cuidados intensivos aos netos. Os avós sem limitações ao nível da saúde, ou relacionadas com invalidez, apresentam quase duas vezes mais probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos do que os avós com essas limitações. No entanto, não há nenhuma relação significativa entre o estado de saúde autoavaliado e a prestação de cuidados infantis intensivos.

Os avós apresentam uma vez e meia mais probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos do que os avós. Os avós mais jovens e os casados, ou em coabitação, são também mais propensos a prestar cuidados infantis intensivos.

Os avós sem limitações ao nível da saúde, ou relacionadas com invalidez, apresentam quase duas vezes mais probabilidades de prestar cuidados infantis intensivos do que os avós com essas limitações.



As nossas classificações de contexto de política ajudam-nos, em grande medida, a compreender a hierarquia dos países quando considerada a proporção da prestação de cuidados infantis intensivos pelos avós aos seus netos, mesmo depois de consideradas as restantes diferenças nas características dos avós em todos os países. Os avós da Suécia e Dinamarca (na nossa classificação de países onde as políticas não pressupõem quaisquer cuidados prestados pelos avós), por exemplo, apresentavam apenas cerca de metade das probabilidades de prestarem cuidados infantis intensivos do que os avós da Inglaterra. A Holanda, Inglaterra, Suíça e França são bastante semelhantes entre si na prestação de cuidados intensivos, embora os avós da Alemanha, Áustria e Bélgica apresentem uma probabilidade de prestarem cuidados infantis intensivos, praticamente duas vezes superior à dos avós de Inglaterra. Estes países médios, à exceção de França, estão todos classificados no nosso grupo médio de países neutros. A Espanha, Itália e Grécia destacam-se, no entanto, como tendo probabilidades muito maiores dos avós prestarem cuidados intensivos – três a cinco vezes superiores à Inglaterra –, países onde as políticas pressupõem cuidados prestados pelos avós.

Análises multinível que consideram os indicadores dos países

Até agora, as análises mencionadas consideraram os diferentes contextos de políticas e a respetiva relação com níveis distintos de cuidados prestados pelos avós. Neste modelo avaliamos se é o contexto das políticas ou se são os fatores culturais e institucionais, que estes contextos originam e refletem, que têm maior poder explicativo para a variação da prestação de cuidados infantis por parte dos avós. Percebemos que conhecer os contextos de políticas ajuda-nos muitíssimo na compreensão dos cuidados prestados pelos avós, mas conseguimos explicar ainda melhor as variações quando observamos que as diferenças nos fatores contextuais-culturais entre os países europeus estão relacionadas com os cuidados infantis prestados pelos avós (embora tendo sempre em conta as características dos avós). Utilizamos modelos de regressão logística multinível para analisar a prestação de cuidados intensivos pelos avós tendo em consideração quatro variáveis fundamentais ao nível dos países em questão: a percentagem de mães com idades entre 25 e 49 anos, que não têm empregos remunerados, e a percentagem de mulheres com idades entre 50 e 64 anos, que exercem empregos remunerados, abrangendo a estrutura de duas gerações do mercado de trabalho; a percentagem de indivíduos que concordam plenamente com a afirmação: “as crianças em idade pré-escolar sofrem por terem uma mãe que trabalha”, abrangendo as atitudes societárias face aos cuidados e ao sexo (feminino/masculino); por último, a percentagem de crianças com idade inferior a três anos, que se encontram matriculadas em estruturas formais de acolhimento de crianças, utilizada como um indicador do recurso às estruturas formais de acolhimento de crianças.

Estes modelos mostram que as políticas e fatores estruturais-culturais moldam a proporção de cuidados infantis intensivos prestados pelos avós em países europeus. Certas características dos países parecem criar contextos nos quais os avós apresentam maiores probabilidades de participar intensivamente na prestação de cuidados infantis intensivos, mesmo quando tidas em consideração todas as variações nas características dos avós. A percentagem de mães que não têm uma vida profissional remunerada está associada ao grau do enfoque da política na oferta de estruturas formais acessíveis de acolhimento de crianças, sobretudo para crianças muito jovens. Da mesma forma, nos países onde se pressupõe que as mães permanecem em casa para cuidar das suas famílias, há também a crença de que as crianças em idade pré-escolar sofreriam se as mães trabalhassem. Nesses países que favorecem cuidados prestados pela família, as oportunidades para as mães jovens (com idades entre 25 e 49 anos) trabalharem com horários flexíveis tendem a ser limitadas. As mães que trabalham em países onde a expectativa normativa é que fiquem em casa para cuidar das suas famílias, tendem a fazê-lo a tempo inteiro. Por isso, as mães que trabalham nesses países precisam da colaboração dos avós, das avós em particular. No entanto, a disponibilidade das avós para prestarem tal ajuda é reduzida nos países onde os índices de emprego, referentes às mulheres entre 50 e 64 anos, são relativamente elevados.

Conclusões



À medida que as nossas populações envelhecem, é provável que o papel dos avós na vida familiar se torne ainda mais significativo.

A nossa análise indica que, em toda a Europa, os avós estão a desempenhar um papel importante na prestação de cuidados infantis aos netos.

Constatámos que, em países onde as estruturas formais de acolhimento de crianças são limitadas e as prestações sociais para as famílias e para as mães que ficam em casa não são generosas, os avós estão a prestar elevados níveis de cuidados infantis. Na Itália e Grécia, por exemplo, quase um quarto dos avós tomam conta dos netos sem a presença dos pais durante cerca de 30 horas por semana, e mais de uma em cada cinco avós presta cuidados quase diariamente. Nestes países há menos oportunidades para as mães trabalharem em tempo parcial e as mães que trabalham tendem a trabalhar a tempo inteiro.

Por outro lado, nos países onde há vasta oferta de estruturas formais de acolhimento de crianças, prestações por maternidade e familiares generosas, e apoio para as mães que ficam em casa, há muito menos probabilidades de os avós prestarem cuidados intensivos, mas muito mais probabilidades de prestarem cuidados ocasionais sem os pais presentes.

Na França, Dinamarca, Suécia e Holanda, até 60% dos avós prestam alguns cuidados infantis e na Grã-Bretanha os números são de 63% relativamente aos avós com netos de idade inferior a 16 anos. Nestes países, há muito mais probabilidades das mães trabalharem, estando os avós a atuar como um 'exército de reserva' ao nível da prestação de cuidados. Em muitos casos é provável que os avós estejam a prestar cuidados para apoiar mães que trabalham, – por exemplo, durante as férias escolares, quando as crianças estão doentes e noutras emergências familiares, – ou a prestar cuidados infantis regulares menos intensivos para complementar as estruturas formais de acolhimento de crianças.

Em todos os países, a nossa análise revela que os avós que prestam cuidados infantis tendem a ser mais jovens, mais saudáveis, casados, a terem níveis de escolaridade mais elevados e serem reformados. Estas são as mesmas mulheres que muitos governos, em toda a Europa, estão a tentar manter mais tempo no mercado de trabalho para desenvolver as economias nacionais em resposta ao envelhecimento da população e ao aumento da esperança de vida, com menos trabalhadores mais jovens a entrar no mercado de trabalho. Este conflito entre o papel das avós na prestação de cuidados infantis e o aumento da participação em profissões remuneradas, tanto para proteger os seus próprios rendimentos de pensões como para aumentar a produtividade, têm implicações importantes ao nível dos futuros empregos remunerados das mães de crianças pequenas, bem como da sua própria segurança financeira numa fase posterior da vida.

À medida que as nossas populações envelhecem, é provável que o papel dos avós na vida familiar se torne ainda mais significativo. Atualmente, já 17% dos avós em toda a Europa estão na geração "sanduíche", com os seus próprios pais ainda vivos. À medida que a esperança de vida aumenta esta percentagem tende a subir. Os avós mais jovens, com mais probabilidades de terem filhos e netos mais jovens, são naturalmente mais propensos a terem ainda um dos pais vivo. Na Grã-Bretanha, 28% dos avós com netos de idade inferior a 16 anos, têm um pai ainda vivo, seis em cada 10 ainda estão a trabalhar e quase oito em cada 10 estão a prestar alguns cuidados aos netos. Este grupo de avós encontra-se já sob pressão para assegurar o trabalho e cuidados tanto para a geração anterior como para as posteriores. Os programas de austeridade que têm conduzido aos cortes na prestação de cuidados, tanto para os idosos como para as crianças, arriscam colocar ainda mais pressão sobre estes avós jovens. Os legisladores têm de ter em consideração as implicações ao nível da futura segurança financeira destas gerações de meia-idade, bem como as implicações das políticas laborais, de prestação de cuidados e de reformas referentes às pessoas de meia idade sobre os pais mais jovens com empregos remunerados.

Quando consideramos as experiências de outros países da Europa, é nítido que o Reino Unido enfrenta uma escolha difícil. Podemos dar prioridade às avós que permanecem no mercado de trabalho durante mais tempo, apoiando a sua própria reforma mas reconhecendo que, ao longo do tempo, isto criará provavelmente uma lacuna, para os pais que trabalham, ao nível dos cuidados prestados, tendo um enorme impacto nos empregos das mães de crianças pequenas. Por outro lado, podemos investir em estruturas formais de acolhimento de crianças universais e acessíveis que preencherão, pelo menos em parte, essa lacuna emergente ao nível dos cuidados infantis e conservando tanto as mulheres de mais idade como as mães trabalhadoras no mercado de trabalho. Uma terceira opção, e possivelmente a menos atrativa, seria decidir inverter a tendência de se trabalhar durante mais tempo e depender de forma muito considerável da nossa população que está a envelhecer para a prestação dos cuidados infantis. Fazê-lo criaria um risco para as pensões, para o financiamento dos cuidados para as gerações mais velhas e revelar-se-ia rapidamente como insustentável.

- ALBUQUERQUE, P. C. 2011. Grandparents in multigenerational households: The case of Portugal. *European Journal of Ageing*, 8, 189-198.
- BAYDAR, N. & BROOKS-GUNN, J. 1998. Profiles of grandmothers who help care for their grandchildren in the United States. *Family Relations*, 47, 385-393.
- DENCH, G. & OGG, J. 2002. *Grandparenting in Britain: A baseline study*, London, Institute of Community Studies.
- ESPING-ANDERSEN, G. 1990. *The three worlds of welfare capitalism*, Oxford, Polity Press.
- FARMER, E. R. G. & MOYERS, S. 2008. *Kinship care: Fostering effective family and friends placements*, London, Jessica Kingsley.
- FULLER-THOMSON, E. & MINKLER, M. 2001. American grandparents providing extensive childcare to their grandchildren: Prevalence and profile. *Gerontologist*, 41, 201-209.
- GLASER, K., RIBE, E., WAGINGER, U., PRICE, D., STUCHBURY, R. & TINKER, A. 2010. *Grandparenting in Europe*. London: Grandparents Plus.
- GOODMAN, C. C. & SILVERSTEIN, M. 2001. Grandmothers who parent their grandchildren – An exploratory study of close relations across three generations. *Journal of Family Issues*, 22, 557-578.
- HAGESTAD, G. O. 2006. Transfers between grandparents and grandchildren: The importance of taking a three-generation perspective. *Zeitschrift Fur Familienforschung*, 18, 315-332.
- HANK, K. & BUBER, I. 2009. Grandparents Caring for Their Grandchildren Findings From the 2004 Survey of Health, Ageing, and Retirement in Europe. *Journal of Family Issues*, 30, 53-73.
- HERLOFSON, K. & HAGESTAD, G. O. 2012. Chapter 1: Transformations in the role of grandparents across welfare states. In: TIMONEN, V. & ARBER, S. (eds.) *Contemporary Grandparenting*. Bristol: Policy Press.
- IGEL, C. & SZYDLIK, M. 2011. Grandchild care and welfare state arrangements in Europe. *Journal of European Social Policy* 21, 210-224.
- JAPPENS, M. & VAN BAVEL, J. 2011. Regional family norms and childcare by grandparents in Europe. *Demographic research*, 27, 85-120.
- KREMER, M. 2007. *How welfare states care: culture, gender and parenting in Europe*, Amsterdam, Amsterdam University Press.
- LEITNER, S. 2003. Varieties of familialism. The caring function of the family in comparative perspective. *European Societies*, 54, 353-375.
- MÄTZKE, M. & OSTNER, I. 2010. Introduction: change and continuity in recent family policies. *Journal of European Social Policy*, 20, 387-398.
- MINKLER, M. & FULLER-THOMSON, E. 2005. African American grandparents raising grandchildren: A National Study using the Census 2000 American Community Survey. *Journals of Gerontology Series B-Psychological Sciences and Social Sciences*, 60, S82-S92.
- MURPHY, M. 2011. Long-term effects of the demographic transition on family and kinship networks. *Population and Development Review*, 37 (supplement), 55-80.
- MUTCHLER, J. E. & BAKER, L. A. 2004. A demographic examination of grandparent caregivers in the Census 2000 Supplementary Survey. *Population Research and Policy Review*, 23, 359-377.
- NANDY, S., SELWYN, J., FARMER, E. & VAISEY, P. 2011. Spotlight on kinship care: Using Census microdata to examine the extent and nature of kinship care in the U.K. London: University of Bristol.
- OECD 2007. *Babies and Bosses – Reconciling Work and Family Life: A Synthesis of Findings for OECD Countries*, Paris, OECD Publishing.
- OECD 2011. *Pensions at a Glance 2011: Retirement-income Systems in OECD and G20 Countries*, Paris, OECD Publishing.
- PEBLEY, A. R. & RUDKIN, L. L. 1999. Grandparents caring for grandchildren – What do we know? *Journal of Family Issues*, 20, 218-242.
- PEW RESEARCH CENTER 2010. The return of the multi-generational family household. Washington, D.C.: Pew Research Center.
- PFAU-EFFINGER, B. 2011. Family childcare in the cultural and institutional context of European societies. In: PFAU-EFFINGER, B. & ROSTGAARD, T. (eds.) *Care between work and welfare in European context*. London: Palgrave MacMillan.
- RUTTER, J. & EVANS, B. 2011. *Informal childcare: Choice or chance?* London: Day Care Trust.
- SARACENO, C. & KECK, W. 2010. Can we identify intergenerational policy regimes in Europe? *European societies*, 12, 675-696.
- SMITH, C. J. & BELTRAN, A. 2001. Grandparents raising grandchildren. *Journal of Aging and Social Policy*, 12, 7-17.
- SMITH KOSLOWSKI, A. 2009. Grandparents and the care of their grandchildren. In: STILLWELL, J., COAST, E. & KEELE, D. (eds.) *Fertility, living arrangements, care and mobility*. London: Springer.
- WELLARD, S. 2011. Doing it all? Grandparents, childcare and employment: An analysis of British Social Attitudes Survey Data from 1998 and 2009. London: Grandparents Plus.
- WHEELOCK, J. & JONES, K. 2002. 'Grandparents are the next best thing': Informal childcare for working parents in urban Britain. *Journal of Social Policy*, 31, 441-463.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma fundação internacional com interesses culturais, educacionais e sociais. Com sede em Lisboa e delegações em Londres e Paris, a Fundação encontra-se em situação privilegiada para apoiar o trabalho transnacional, tentando resolver as questões contemporâneas que a Europa enfrenta. A finalidade da delegação do Reino Unido, em Londres, é ligar e enriquecer as experiências dos indivíduos, famílias e comunidades, com especial interesse no apoio aos mais desfavorecidos. Em 2008, a Fundação lançou uma iniciativa sobre o envelhecimento e a coesão social, com o desenvolvimento de um número de atividades com o Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano. Este relatório representa o mais recente desenvolvimento de um vasto portfólio que esperamos que contribua para uma maior compreensão do impacto do envelhecimento demográfico na nossa sociedade.

Ficha técnica

Estudo elaborado por:

Karen Glaser,
Debora Price,
Eloi Ribe Montserrat,
Giorgio di Gessa
Anthea Tinker

VERSÃO PORTUGUESA

Tradução:

Rosetta Translation Ltd

Revisão e arte finalização:

Mergulhar em Ideias, Lda.

Impressão

Ondagrafe



We champion the wider
family who care for children

Grandparents Plus
18 Victoria Park Square
Bethnal Green
London E2 9PF
Telephone: 020 8981 8001
Email: info@grandparentsplus.org.uk

www.grandparentsplus.org.uk

ISBN 978-0-9573281-3-6

Charity number 1093975